

Possibilidades e riscos: a incorporação das tecnologias da informação e comunicação (TICS) na formação de administradores

Alessandro Paiva¹

Ednelson de Jesus dos Santos²

Resumo

Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICS), hoje, são vistas como ferramentas mais do que usuais para as novas gestações que já nasceram conectada. É a geração que hoje está sentada nos bancos das universidades e que está sofrendo, positiva ou negativamente, com o impacto das tecnologias da informação. Como os cursos de graduação em administração de empresas estão entre os cursos que mais crescem no Brasil e estão sendo impactados diretamente pelo uso dessas tecnologias, o presente estudo visa identificar se há benefícios diretos no processo de aprendizagem ou se os únicos beneficiários são as instituições de ensino que conseguem diminuir seus custos operacionais. Pode-se verificar que, talvez, por sua natureza enquanto ciência social aplicada, totalmente dependente da tecnologia, na administração o uso de tais tecnologias possa trazer mais benéficos que malefícios. O desafio atual é transformar informação em conhecimento, pois, no que tange aos processos produtivos, os mesmos já incorporaram a tecnologia em sua estrutura, organização e sistemas de controle.

Abstract

Information and Communication Technologies (ICTs), are now seen as tools more than usual, new pregnancies who were born connected. It is the generation that is now sitting on the banks of the Universities and suffering that this positively or negatively with the impact of information technology. As undergraduate courses in Business Administration courses are among the fastest growing in Brazil and are being directly impacted by the use of these technologies, this study aims to identify whether there are direct benefits in the learning process or if the only beneficiaries are the institutions teaching that can lower your operating costs. One can see that perhaps, by its nature as applied social science, totally dependent on technology, administration the use of such technologies can bring more

¹ Administrador; Especialista em marketing, Mestre em Administração; Doutorando em Ciência Política e Relações Internacionais; Diretor do Curso de Administração e Recursos Humanos da Fundação Dom Andre Arcoverde; Professor do Faculdade Mackenzie Rio e do Centro Universitário Moacyr Seder Bastos; Professor da Fundação Getúlio Vargas; já atuou como coordenador do Curso de Administração de Empresas da Faculdade São Camilo e do Curso de Marketing da Unigranrio; autor do livro *Gestão Estratégica e Ferramentas de Qualidade em Saúde*; Sócio diretor da Gestão 1 Consultoria.

² Graduado em Administração pela *Faculdade Moraes Junior*; Mestre em Administração pelo *Ibmec-RJ*; Coordenador Geral do Curso de Administração, Escola de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade do Grande Rio; Prof. da Faculdade São Camilo e do IBMR; Sócio diretor da empresa Gestão 1 Consultoria.

benefits than harm. The current challenge is to transform information into knowledge, because when it comes to production processes they have already incorporated technology into its structure, organization and control systems.

Objetivo

O presente trabalho tem por objetivo estabelecer um panorama do processo de formação de bacharéis em administração no Brasil, considerando as possibilidades e os riscos provenientes da crescente tendência de introdução de Tecnologias da Informação e Comunicação nos projetos dos cursos. Embora as possibilidades pedagógicas das TICs sejam enormes, há o risco de subutilização das mesmas, tornando-se estas apenas uma ferramenta para obtenção de ganhos em escala, pondo em risco a efetividade da formação em administração.

Introdução

Os cursos de graduação em administração de empresas têm experimentado vertiginoso crescimento no Brasil nos anos recentes, a ponto de serem estes hoje, os curso de graduação com maior número de alunos matriculados no ensino superior. Segundo dados do Censo da Educação Superior 2007, divulgados pelo Ministério da Educação (MEC), a carreira registrou 16,4% do total das matrículas, com 798.755 alunos matriculados e cerca de 120.000 egressos por ano.

Vários pesquisadores, entre eles Wood (2001), Nicolini (2002), Mattar e Vasconcellos (2008), concordam com a afirmação de que embora tenha se desenvolvido quantitativamente, não houve proporcionalidade em relação ao nível de qualidade da formação em administração, de modo que hoje tal formação, na grande maioria das instituições, prepara profissionais com um conjunto de competências que se encontra aquém daquelas demandadas pela sociedade contemporânea, tanto em termos específicos de atuação no ambiente empresarial como na forma como se dá a inserção destes indivíduos na sociedade como um todo. A relevância da questão é amplificada quando se considera que substancial parcela dos alunos matriculados em administração é oriunda das classes C e D, possuindo, em relação ao ensino superior, a expectativa de plataforma para ascensão social e inclusão na sociedade contemporânea.

Entre os vários elementos que resultam na baixa qualidade dos cursos de administração um que se destaca é a estrutura destes, ainda fundamentada numa lógica industrial, em que a decomposição e a racionalidade cartesiana prevalecem, gerando um ambiente e, sobretudo egressos, fortemente marcados pela visão fragmentada da empresa e do mundo, num movimento que pode ser considerado antagônico à multidisciplinaridade com que se dão as relações, os processos decisórios e a construção do conhecimento na atualidade.

Neste cenário, o desenvolvimento tecnológico tem oferecido à educação uma série de novas ferramentas que ampliam enormemente as possibilidades do processo educacional. Construção coletiva, compartilhamento, autodireção e alcance são algumas das possibilidades oferecidas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação que podem tornar, nas palavras de Lévy (1998), a ação educativa flexível, aberta e interativa.

O propósito deste trabalho é avaliar de que forma a incorporação das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) pode atuar como elemento de redução da distância existente entre a atual formação em administração, ainda fragmentada e, segundo Nicolini (2001), sustentada num modelo concebido para satisfazer demandas de uma sociedade de base industrial e os requisitos profissionais e humanos necessários ao exercício da plena cidadania, ou, como nas palavras de Vilardi (2005), “o desenvolvimento integral, autoestruturado, autogerenciado e autodirecionado do indivíduo, possível a partir de uma relação dialógica que se mediatiza pela interação múltipla” numa sociedade que, de acordo com Castels (2005), estrutura-se em rede e é baseada no conhecimento.

Afim de alcançar os objetivos propostos, a pesquisa buscará compreender a questão a partir de três eixos centrais a saber:

- A expansão e estruturação dos cursos de administração atuais;
- A sociedade contemporânea e o exercício da plena cidadania;
- As TICs e suas possibilidades no processo educacional.

A expansão dos cursos de administração

Como apontado, os cursos de graduação em administração obtiveram, nos últimos anos, espantosa taxa de crescimento. Antes de aprofundar a discussão sobre a qualidade da formação oferecida aos egressos de administração e a adequação desta às demandas da sociedade contemporânea, faz-se necessário compreender alguns elementos essenciais deste processo de expansão.

Em relação às origens de tal crescimento, pode-se considerar um conjunto de fatores que se analisados isoladamente não explicam o fenômeno. Um primeiro elemento é a conjuntura econômica do Brasil, neste início de século XXI, e em particular o aumento do poder de consumo das classes C e D, fato que gerou, a uma enorme parcela da população brasileira, uma série de novos padrões de comportamento e consumo, muitas vezes representado pelo acesso ao ensino superior. Nos últimos quatro anos, este estrato social passou de 18% para 23% do público atendido pelas instituições de ensino superior e, segundo Braga (2009), a perspectiva é que esse número dobre nos próximos cinco anos, chegando a 2015 como a maioria do público universitário. Neste aspecto são relevantes a expansão do ensino médio ocorrida nos anos 90 do século XX e também iniciativas governamentais como o Programa Universidade para Todos (Prouni) e o Programa de Financiamento Estudantil (FIES) que constituíram-se em fortes impulsionadores do acesso ao ensino superior. O aquecimento da economia deu origem a um segundo fator a observar no crescimento dos cursos de administração, pois um período de intensas mudanças deu-se no ambiente empresarial: privatizações e concessões nas áreas em que antes atuava o governo, fusões de empresas nacionais com empresas estrangeiras, entrada no mercado de novas empresas estrangeiras e fusões entre empresas brasileiras a fim de enfrentar a concorrência global. Novos empreendimentos surgiram, destinados a explorar segmentos de mercados emergentes ou reforçar a concorrência nos que já existiam. Mais do que simples negócios, toda essa movimentação transforma profundamente o comportamento de três atores fundamentais: o capital nacional, o

capital estrangeiro e os governos, em todas as suas esferas. Tal efervescência acabou por aumentar o interesse da sociedade em relação à gestão e cursos de graduação e MBA passaram a brotar em velocidade vertiginosa para atender à crescente demanda de interessados. Para as instituições de ensino, isto constituiu-se em excelente negócio, uma vez que tais cursos podiam ser operacionalizados com baixos custos de investimento inicial e pouca ou inexistente regulação ou avaliação de qualidade.

Um terceiro elemento é o fenômeno denominado por Wood Jr. e Paes de Paula (2001) como *pop management*, que vem a ser a popularização através da simplificação, da literatura produzida no país sobre gestão, o que gerou na compreensão destes autores a chamada “indústria de gestão”. A literatura de *pop management* compreende livros e revistas de consumo rápido, produzidas pela mídia de negócios. A mídia de negócios faz parte da indústria da gestão, junto com as empresas de consultoria, os “gurus empresariais” e as escolas de negócios.

Segundo Wood Jr. e Paes de Paula (2001), o primeiro pilar da indústria da gestão são as escolas de administração. As condições ambientais, reais ou imaginárias, de incerteza e turbulência e a natureza fugaz do conhecimento na área têm fomentado os negócios na área de ensino, atraindo um número cada vez maior de interessados. Tanto quanto o conhecimento instrumental de novas metodologias e técnicas, os estudantes e os executivos que procuram as escolas de administração buscam a assimilação do discurso gerencial e a legitimidade de um diploma.

As escolas de administração constituem ambientes privilegiados para a difusão das ideias de empreendedorismo e da cultura do *management*, porém em cursos criados à imagem e semelhança de restaurantes de *fast-food* (ALCAPADINI e BRESLER, 2000), informações de qualidade duvidosa circulam com o apoio da literatura de *pop-management*, acessível e de fácil leitura. Por sua vez, os alunos, em sua maioria oriundos das classes C e D e já submetidos à dupla jornada, de trabalho e estudo, favorecem aulas-shows e cursos “divertidos”. Já tangenciando a análise que se dará posteriormente sobre o atual perfil do egresso da formação em administrador, pode-se concluir que na maioria das vezes no lugar de visões críticas, abstrações e teoria, ganha espaço o *pop management*, com sua retórica salvacionista, programas de sete passos e receitas para o sucesso. Vale observar, que além deste “gênero de literatura” exercer papel de atração para os ingressantes em administração, a literatura *pop management* constitui-se também em poderoso influenciador das expectativas que estes possuem em relação às experiências e tipo de aprendizado pelas quais passarão ao longo do quatro anos de curso.

Neste ponto, e em concordância com as contribuições de pesquisadores como Nicolini (2003), Wood (2001), Schwartzman e Schwartzman (2002) e Covre (1991), entre outros, é possível a proposição de um processo de reflexão crítica sobre a formação profissional de administradores nos cursos de graduação, a partir de uma de suas principais fragilidades empiricamente observáveis: a fragmentação do ensino, com ênfase no repasse do ferramental técnico-conceitual, e a decorrente ausência de adequada visão geral e sistêmica de organizações e sociedade. Para construir uma melhor compreensão sobre o tema, quatro questões fundamentais deveriam ser mais profundamente consideradas: a origem dos cursos de administração no Brasil, contribuindo para explicar como surge a ênfase nas

ferramentas e técnicas; a complexidade do ambiente organizacional como objeto da administração que acaba por construir controvertidas visões sobre o que vem a ser a administração e o que faz o administrador; a lógica dominante na produção do conhecimento e como ele vem repercutindo até hoje na reprodução do conhecimento dentro dos cursos superiores; e os projetos pedagógicos dos cursos de administração, abordando os problemas relacionados com suas premissas e práticas e também com as estruturas institucionais para sua operacionalização.

A sociedade contemporânea e o mundo do trabalho

Pelo lado da sociedade, uma série de profundas mudanças vêm acontecendo ao longo dos últimos anos, tendo por base a incorporação cada vez mais acelerada da tecnologia da informação como elemento essencial ao processo produtivo. Essas mudanças afetaram a estrutura produtiva e inclusive as formas de representação sindical e política nos países capitalistas avançados. Neste período surge um novo paradigma na relação capital e trabalho o qual, segundo autores como Rifkin (2001) e Sevcenko (2009), foi construído, de uma forma geral, pelos avanços tecnológicos, e de forma mais específica, nas áreas de automação, robótica e microeletrônica. Estes instrumentos tecnológicos foram inseridos no ambiente produtivo das empresas com a intenção de investimento no capital, para conquistar o máximo possível de vantagem competitiva, em relação aos demais concorrentes. Segundo Antunes (2008), “as novas tecnologias, as formas de organização e gestão do trabalho têm possibilitado expressivos avanços nos resultados de produtividade”. A partir desta década, estabeleceu-se uma nova relação de trabalho e de produção do capitalismo, e que continua se desenvolvendo. Segundo Harvey (2009, p. 78), “a acumulação flexível parece implicar níveis relativamente altos de desemprego estrutural [...], rápida destruição e reconstrução de habilidades, ganhos modestos [...] de salários reais [...] e o retrocesso do poder sindical”.

315

Antunes (2008) argumenta que todas estas mudanças articulam-se por um grande desenvolvimento tecnológico nas empresas e pela descentralização produtiva. Castels (2008) refere-se a esta forma de organização descentralizada como empresa em rede, classificando as redes no âmbito organizacional em redes de fornecedores, redes de produtores, redes de clientes, coalizões-padrão e redes de cooperação tecnológica.

Ainda sobre as redes, Castels (2008) comenta:

“São antes de tudo redes de empresas de diferentes formas, em diferentes contextos e a partir de expressões culturais diversas. Redes familiares nas sociedades chinesas e no Norte da Itália; redes de empresários oriundos de ricas fontes tecnológicas dos meios de inovação, como o Vale do Silício; redes hierárquicas comunais do tipo *keiretsu* japonês; redes organizacionais de unidades empresariais descentralizadas de antigas empresas verticalmente integradas [...] redes empresariais compostas de clientes e fornecedores de determinada empresa, inseridos numa teia mais ampla de redes formadas ao redor de outras empresas em rede; e redes internacionais resultantes de alianças estratégicas entre empresas e suas redes auxiliares de apoio.” (CASTELS, 2008 p. 255)

Castels (2008) complementa que a “grande empresa com várias unidades, hierarquicamente organizada em linhas verticais de comando parece estar mal adaptada à economia informacional/global”.

No caso do desenvolvimento tecnológico, diferentemente da sociedade industrial, o capitalismo contemporâneo não estimula a inclusão das pessoas no mercado de trabalho, pelo contrário, ela as exclui tanto pela automação das fábricas quanto pelo avanço tecnológico, cada vez mais intenso destas tecnologias de informação, potencializando a capacidade das empresas em alcançar seus objetivos, ou simplesmente reduzir custos e aumentar os lucros. Harvey (2009) contribui afirmando que a “compressão do espaço-tempo” na sociedade atual ocorre em virtude do desenvolvimento da tecnologia de informação, o tempo nas tomadas de decisões diminui enquanto as telecomunicações e a redução dos custos de transporte proporcionam ao capital uma propagação muito mais imediata das decisões num espaço temporal muito menor. As principais características do atual modelo de acumulação, seja nas flexibilidades da produção (respondendo de acordo com a demanda do mercado consumidor), dos processos de trabalho ou das mobilidades geográficas, é proporcionada por constantes estímulos às inovações tecnológicas. A busca por informações mais precisas faz com que as empresas desenvolvam ferramentas que processem os dados do mercado e as organizem no menor espaço de tempo possível, produzindo informações seguras e úteis à tomada de decisão.

Vale à pena ressaltar que conhecimento científico e técnico sempre tiveram uma relação de complementaridade e ambos são muito importantes para a continuidade saudável das organizações, porém, na atualidade, a velocidade com que as mudanças acontecem, exigindo muito mais flexibilidade do processo produtivo. Possuir informações valiosas e conhecimento intelectual são, muitas vezes, sinônimos de sobrevivência.

Desta forma, de acordo com Villardi e Oliveira (2005):

“O ingresso na sociedade da informação tende a aumentar ainda mais os limites entre países ricos e pobres e, dentro desses, a distância entre incluídos e excluídos, à medida que a revolução da informática representa mais que uma derrama de máquinas, mas fornece novos modelos teóricos que afetam diretamente nossa forma de conceber, racionalmente, a realidade, com significativos impactos sociais”. (VILLARDI E OLIVEIRA, 2005, p. 56)

A descentralização produtiva que se seguiu à introdução das novas formas de produção favoreceu o surgimento de pequenas e médias empresas, principalmente no setor de serviços. As fábricas, que antes eram grandes e concentravam todos os seus recursos em um único local, agora, estão descentralizando sua produção em unidades produtivas menores. A descentralização produtiva promove e evidencia a perda de coesão e autonomia da classe trabalhadora, que, por não dominar a nova lógica em que se articula o mundo, acaba sendo posicionado à margem deste.

Segundo Antunes (2008, p. 28), “a fragmentação do trabalho, adicionada ao incremento tecnológico, pode possibilitar ao capital tanto uma maior exploração

quanto um maior controle sobre a força de trabalho”. A descentralização produtiva também abre novas oportunidades para o capital se instalar em locais onde a oferta de mão de obra é mais barata, ou seja, nos países subdesenvolvidos e contribuindo assim favoravelmente à precarização do trabalho, já que em muitos destes países há poucas legislações trabalhistas ou mesmo nenhuma. Esta tendência não afeta somente as classes trabalhadoras nos seus níveis mais baixos, mas esse processo de precarização do trabalho atinge também os empregos estabilizados.

Toda esta nova postura do capital seja de forma geral estimulado pelo desenvolvimento tecnológico ou pelo desmonte dos concentrados parques industriais se consolidaram no mundo capitalista e continuam se desenvolvendo.

Tanto as tendências consolidadas de investimentos em inovações tecnológicas, que procuram atribuir às máquinas capacidades físicas e mentais para otimizar os resultados, como a descentralização produtiva procuram reduzir ao máximo os custos, que seriam maiores se alocassem trabalho humano.

Os produtos destes meios que o capital utiliza para se expandir são identificados por Frigotto (2001), como a “ampliação do desemprego, [...] precarização do trabalho e [...] uma situação de permanente angústia e insegurança daqueles que, para sobreviver, têm apenas sua força de trabalho para vender”.

É visível, no mundo capitalista, a desproletarização do trabalho industrial e um significativo crescimento no setor assalariado de serviços. A classe operária está sendo substituída por uma classe, denominada por Antunes (2005) como “classe-que-vive-do-trabalho”, que pode ser entendida não como uma classe consolidada, mas como um corpo de trabalhadores sem fortes representações sindicais que protejam seus interesses.

Suas formas de trabalho são também conhecidas como “parcial, temporário, precário, subcontratado, terceirizado”. Esta nova classe de trabalhadores de caráter precário não consegue se consolidar como uma classe trabalhista formalmente organizada e o próprio crescimento empregatício no setor de serviços é um dos exemplos desta classe de trabalhadores.

A atual composição, por sua vez, pode realçar potencialidades humanas que se exigem cada vez mais criativas e colaborativas, resignificando o entendimento de coletivismo, geração e difusão de conhecimento e residindo talvez aí, a chave para inclusão, uma vez que a não incorporação das tecnologias da informação segundo Vilardi e Gomes (2005) “constitui-se como a impossibilidade de compreender e lidar com as novas formas de pensar e de organizar-se no ambiente social”.

A compreensão do mundo do trabalho, e consequentemente do conjunto de competências exigidos para que se possa transitar plenamente nesta nova lógica, deveria ser parte essencial da formulação e execução dos projetos de formação de administradores, fato que, num primeiro exame, não parece acontecer, uma vez que lógica fragmentada e reducionismos parecem imperar.

As TICs e suas possibilidades no processo educacional

Muito tem se falado sobre o termo Sociedade do Conhecimento que remete a uma valorização do saber/saber e do saber/ser (DELORS et al, 1996) em relação ao saber fazer, ou seja, o capital físico e operacional dá lugar ao capital intelectual,

às competências que o indivíduo adquire por meio da educação, tais como se relacionar, cooperar, intervir e atuar de maneira consciente e cidadã no meio que ocupa.

Uma das grandes características dessa realidade social, que começou a se formar na Era Pós-Industrial, são as inovações tecnológicas. Esse fator influenciou e continua influenciando o crescimento do acesso à informação. Sendo assim, o desafio atual é transformar informação em conhecimento. Na educação, sobretudo se esta assume o papel de viabilizar inclusão, esta é questão essencial, uma vez que a cultura contemporânea no que toca aos proprietários dos processos produtivos já incorporou a tecnologia em sua estrutura, organização e sistemas de controle.

Na visão de Silva e Neto (2009), “com a pluralidade de recursos e inovações proporcionados pelas tecnologias digitais, o indivíduo encontra-se cercado de aparatos tecnológicos que causam interesse e, conseqüentemente, o uso dessas novidades passa a se intensificar”. Conhecidas também como Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC’s), as tecnologias digitais podem ser definidas pelas palavras de Masetto (2000):

“Por novas tecnologias em educação, estamos entendendo o uso da informática, do computador, da internet, do CD-ROM, da hipermídia, da multimídia, de ferramentas para educação a distância – como *chats*, grupos ou listas de discussão, correio eletrônico etc. – e de outros recursos de linguagens digitais de que atualmente dispomos e que podem colaborar significativamente para tornar o processo de educação mais eficiente e mais eficaz.” (MASETTO, 2000 p. 152).

A respeito desses recursos, Lévy (1998) ressalta que:

“Tais tecnologias intelectuais favorecem novas formas de acesso à informação, como: navegação hipertextual, caça de informações através de motores de procura, *knowbots*, agentes de *software*, exploração contextual por mapas dinâmicos de dados, novos estilos de raciocínio e conhecimento, tais como a simulação, uma verdadeira industrialização da experiência de pensamento, que não pertence nem à dedução lógica, nem à indução a partir da experiência”. (Levy, 1998)

Diante da inserção dessas tecnologias no cotidiano da educação, aluno e professor podem assumir papéis diferentes daqueles antes típicos. O primeiro deve ser estimulado a ter uma postura ativa em que a coautoria, o autodidatismo, a pró-atividade e a colaboração são características centrais. Já o segundo, agora, deve atuar como mediador, facilitador, incentivador e animador do educando no processo de formação.

Partindo desse contexto, acredita-se ser possível tratar das possibilidades de formação humana diante da influência das TIC’s e do ciberespaço na educação por meio de três eixos: a revisão de alguns conceitos relativos ao ato de ensinar e

aprender, o presente processo de construção de um novo paradigma educacional e os novos papéis dos envolvidos no processo educacional, detendo o olhar para as particularidades relacionadas ao processo de formação de administradores.

Faz-se necessária a explicação de Pierre Lévy (1998) acerca do que significa o termo virtual, pois o autor aponta um paradoxo, ou seja, para muitos, a virtualidade significa algo que não existe. Lévy (1998) esclarece que aquilo que o senso comum atribui característica de “irreal” por não ocupar espaço físico geográfico, é algo que existe em potencial e capaz de atingir proporções imensuráveis, portanto, pode não estar presente em ato ou não ser algo tangível, mas é algo possível. Antecede o que é tangível e deste emerge outra potencialidade.

Dessa potencialidade do virtual a educação passa a contar com uma poderosa aliada no processo de ensino aprendizagem: as tecnologias digitais que, se bem aplicadas, pedagogicamente falando, além de romperem as barreiras de espaço e tempo como é o caso da EaD, ajudam a promover uma positiva revisão de papéis dos envolvidos.

Sendo assim, pode-se cogitar o afloramento de uma nova tendência pedagógica, a pedagogia do ciberespaço ou pedagogia on-line em que, ao contrário do que se pensa, o maior investimento deve recair sobre recursos humanos, porque estes são os responsáveis por dar vida a esse espaço virtual, dando o sentido de aprendizado e de crescimento pessoal e profissional.

O atual perigo do processo de incorporação das TICs na formação de administradores é que esta pode ser compreendida equivocadamente e ter seu uso restrito à reprodução em ambiente virtual dos modelos veiculados e arraigados à formação tradicional, jogando por terra o potencial inclusivo de tais ferramentas e criando simplesmente o que Vilardi e Gomes (2005) resumem como “apostilas eletrônicas”. Seria, fazendo referência a Nicolini (2003), simplesmente aumentar a capacidade produtiva das “fábricas de administradores”, aprofundando o abismo entre seus egressos e o mundo do trabalho e consequentemente a plena cidadania. Portanto, fazendo referência à Eco (1970) para evitar a vã posição apocalíptica e a ingenuidade integrada é necessário aprofundar as reflexões sobre o uso dos meios tecnológicos na educação e mais especificamente a forma como se organiza e realiza a formação em administração. A massa de estudantes que a cada ano opta pelo curso torna urgente tal discussão, devolvendo ao curso sua capacidade de promover inserção social e cidadania.

Conclusão

Com base no exposto, pode-se dizer que, em se tratando de cursos de graduação em administração de empresas, o uso de tecnologias no processo de aprendizagem pode ser considerado eficiente devido ao perfil do estudante e das características que o mercado de trabalho exige desse egresso. Dever-se tomar cuidado apenas com a “mecanização” ou, adaptando o conceito de Taylor, não tornar o aluno um apêndice da tecnologia aumentando a inclusão de mais e mais profissionais nas empresas sem a devida formação humanística e com toda a “frieza” que a tecnologia pode trazer.

Referências bibliográficas

- ALCADIPANI, R. e BRESLER, R. MacDonalidização do Ensino. *Carta Capital*, 10 de maio, p. 20-24, 2000
- ANTUNES, R. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: GENTILI, P.; FRIGOTTO, G. A cidadania negada. São Paulo: Cortez, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BRAGA, R. *Administração é o curso com mais matrículas no ensino superior*. In: <http://educacao.uol.com.br/ultnot/2009/02/03/ult105u7548.jhtm>. Acesso em 20 de setembro de 2011.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede: a era da informação, economia, sociedade e cultura*, vol. 1. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999, 8. ed.
- COVRE, M. L. M. *A formação e a ideologia do administrador de empresas*. São Paulo: Cortez, 1991.
- DELORES, J. et al. *Educação um tesouro a descobrir Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez, 1998.
- ECO, U. *Apocalípticos e integrados*, São Paulo: Perspectiva, 1970.
- FRIGOTTO, G. *Educação e trabalho: bases para debater a educação profissional emancipadora*. Perspectiva, Florianópolis: UFSC - Núcleo de Publicações do CED, v. 19, n. 1, p. 71 - 87, jan./jun. 2001.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1998.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. 18. ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- _____. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 12 ed. São Paulo: Cortez/Unicamp, 2008.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: _____. MORAN, J.M.; MASETTO, T.; BEHRENS, M. A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 12 ed. Campinas: Papirus, 2000.
- MATTAR, F. N. e VASCONCELLOS e E. P. G. *Avaliação do ensino de administração: modelo conceitual e aplicação*, 3º SEMEAD Programa de Pós-graduação em Administração FEA USP, São Paulo, 2003.
- NICOLINI, A. *Qual será o futuro das fábricas de administradores?* In.: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 25., Campinas (SP), 2001. Anais. Campinas: ANPAD, 2001 p. 122.
- RIFKIN, J. *O fim dos empregos*, Rio de Janeiro: Campus, 2004.
- SACRISTÁN, J. G. *Educar e conviver na cultura global: as exigências da cidadania*, Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SANTOS, B. S. *A universidade do século XXI*. São Paulo: Cortez, 2007.
- SANTOS, J. L. *O que é cultura*. Col. Primeiros Passos, 110. Brasiliense, 1994.
- SARAMAGO, J. *Este mundo da injustiça globalizada*, Fórum Social Mundial, 2002. In: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2913. Acesso em 23 de setembro de 2011.
- SCHWARTZMAN, J. e SCHWARTZMAN, S. *O ensino superior privado como setor econômico*. Trabalho realizado por solicitação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), São Paulo: Agosto de 2001.
- SENNET, R. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- SEVCENKO, N. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SOUZA, R. F. *Uma pequena contribuição para a crítica às mudanças no mundo do trabalho e os reflexos na formação educacional*. Revista CADE-FMJ, 13 ed., ano VII, p. 96 - 114, jul./dez. 2007
- TIFFING, J. *Universidade virtual e global*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- WOOD JR., T. e PAES DE PAULA, A. P. *Pop management: contos de paixão, lucro e poder*; Revista Organizações e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, v. 9, n. 24 Salvador, Maio/Agosto 2002.
- VILLARDI, R. e OLIVEIRA, E. G. *Tecnologia na educação: uma perspectiva sociointeracionista*. Rio de Janeiro: Dunya, 2005.